



Desaguar¹

Terezinha Oliveira Santos²
Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

Avareté

Chuva memória!
Quando eu era criança, tinha muito medo de chuva...
Qualquer chuva, mas, em especial, aquela que caía à noite, com relâmpagos e trovões.
Espelhos cobertos, vasilhas aparando as goteiras...!
Minha mãe dizia que o trovão era a voz de Deus, zangado, porque fizemos alguma coisa errada.
Em silêncio, sem questionar, eu Lhe pedia perdão e lutava para o sono não me vencer naquela frágil vigília.
Tinha medo de a chuva destelhar a casa e a enxurrada nos levar para longe.
Nas noites de chuva, chorava debaixo do cobertor, pensando nas pessoas que andavam pelas estradas, sem abrigo.
Pensava em meu pai, que, longe de casa, trabalhava nos trechos como um servidor público de um departamento de estradas e rodagens.
Será que se molhava? Estaria com frio?
A impossibilidade de saber notícias dele, naquele momento, aumentava a quantidade das minhas lágrimas

Cresci!
A chuva continua a me trazer sentimentos tristes.
Luzes e buzinas nessa cidade grande
Pingos de chuva no para-brisa...
Pessoas nos pontos de ônibus buscando abrigo
Sapatos encharcados
A roupa molhada sobre a pele...cheiro de umidade
Frio no corpo e n'alma!

¹ "Desaguar" é uma mirada para as águas, em diálogo com o livro "Ideias para adiar o fim do mundo", Ailton Krenak: "Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos" (KRENAK, 2019,p.9). Trata-se de uma crônica poética tecida com fios etnográficos, no alinhavar de recordações da infância da autora, com leitura crítica de cenas cotidianas glolocalizadas. Traz reflexões guiadas pelas palavras/líquidas, ora jorradadas com a impetuosidade de uma torrente, ora orvalhadas como o sereno nas pétalas de uma flor.

² Terezinha Oliveira Santos é natural de Itapetinga-Bahia. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professora Permanente da Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS/UFOB); Membro do Grupo de Pesquisa Corpus Possíveis (CEHU/UFOB). <https://orcid.org/0000-0003-0323-6142>. E-mail: terezinha.santos@ufob.edu.br.



A chuva ainda a cair!
Sinto medo
Sinto pelas pessoas que estão em situação de rua,
Entulhos, dejetos sociais
Sinto... Muito!
Chuva lamentação!
E essa vontade imensa de estar em casa, em seus braços!
Se pudesse, você, meu edredom!
E a chuva vem... levando consigo as moradias
Casas (im) próprias dos condenados!
Condenadas habitações, mal construídas nos sonhos da alforria
Vidas soterradas! "Que sirvam de exemplo!"
Dissera o alcaide ao visitar o local
Não foi culpa da chuva! Faltou a alvenaria, a viga, a cidadania!

Torrentes...
Nos rios e cachoeiras
As águas volumosas e a chuva têm de mim os mais puros
sentimentos de medo e respeito
Pelas vidas que se foram para os reinos fluviais dos encantados
Rios calungas, velho Chico, Opará,
Ora yê yê ô!

Águas do mar
Protegei os desterrados
Marítimos povos de quem lhes foram retirados o chão dos seus pés.
Lançam-se ao mar, lançam-se à sorte.
Travessias. Maioria de ébanos transatlânticos, *one more time!*
Refugiados.
À deriva!
E se chover?
Oh! Dó!
Odô yá!
Salgadas lágrimas lavadas, levadas pelo sal do mar
Pisam em terras estrangeiras, quando se lhes acontece
Viver!

Ser-tão
Águas benditas soluçadas nas preces sertanejas
Água profética que arrebenta a semente
Água planta
Água benfazeja
Louvado seja!



Água vida
Abrigo primal
Água nutriz que nos orna no lar uterino
Amniótica
Água início e fim...
Dialética
Atotô Babá!
Saluba
E há em mim essa sede de viver
E há em mim esse medo da chuva
Ewá!

Avareté